

A REINSERÇÃO DE MONUMENTOS HISTÓRICO-CULTURAIS NA COMUNIDADE LOCAL ATRAVÉS DO TURISMO: SUGESTÕES PARA A IGREJA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ DO ALMAGRE¹

Anna Maria de Lira Pontes²

Não há nada de incomum em querer olhar o passado. Aliás, esta é uma ação tão comum que pode não ser ao menos reconhecida por seus agentes. Ao caracterizar uma pessoa, por exemplo, nos baseamos naquilo que já vivenciamos com ela, ou seja, busca-se no seu passado uma explicação para o presente. O mesmo ocorre com lugares, principalmente aqueles denominados por Pierre Nora como “lugares de memória”. São símbolos do passado e, conseqüentemente, símbolos de vidas socialmente formadas ao redor do mesmo. Não que tais lugares já tenham nascido com tal função, mas ao longo do tempo foram ganhando este *status*, conferido pela sociedade que neles convive - algumas vezes por imposição, outras não.

Hobsbawn afirma que o passado, mesmo aquele rejeitado, é uma “dimensão permanente” das pessoas em relação à comunidade, às instituições, entre outros. Por isso, olhar o passado, além de sonhar com o futuro, é uma atividade inerente ao homem. Há inclusive certos filósofos que afirmam que não há presente, mas apenas passado e futuro, já que o presente passa tão rápido a cada ação que já se torna por si só passado.

Ainda sobre o assunto, Hobsbawn comenta:

Teoricamente, cada geração copia e reproduz sua predecessora até onde seja possível, e se considera em falta para com ela na medida em que falha nesse intento. Claro que uma dominação total do passado excluiria todas as mudanças e inovações legítimas, e é improvável que exista alguma sociedade humana que não reconheça nenhuma delas³.

Esta reprodução do passado, ou mesmo manutenção da memória, pode ser evidenciada através do patrimônio histórico-cultural de cada sociedade. O passado é nosso espelho reflexivo, que serve para nos caracterizar, e pedagógico, como meio de aprimoração e apreensão do futuro, porque através da sua análise poderemos evoluir.

Le Goff defende que os monumentos de uma sociedade são documentos porque resultam “do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente

¹ Este texto apresenta parte dos resultados presentes no Relatório Final do primeiro ano de pesquisa como bolsista PIBIC/ UFPB/ CNPq no projeto “Aldeamento, Igreja, Ruína: uma Arqueologia Histórica de N. Sra. de Nazaré do Almagre (1589-2004)”, sob orientação da Profª Dra. Carla Mary S. Oliveira (DH/ UFPB). Trabalho apresentado no Simpósio Temático “A Cidade em Diferentes Olhares”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em Turismo e em História pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: <annamaria.lira@gmail.com>.

³ HOBBSAWN, 1998, p. 22-23.

- determinada imagem de si próprias”⁴. Ou seja, o que essas sociedades pretendem manter, ressaltar ou mesmo excluir pode ser “fixado” pelos monumentos⁵.

O monumento é, assim, parte da História e do passado de um determinado local, constitui parte da sociedade por representá-la. Sua análise, para o historiador, deve ser altamente crítica, uma vez que se deve também ponderar acerca das condições de produção do monumento, afinal, nem tudo faz parte de memórias coletivas locais, ou mesmo se constitui em apenas um instrumento de poder. Tanto é assim que o mesmo Le Goff afirma que “um cartulário deve ser estudado numa perspectiva econômica, social, jurídica, política, cultural, espiritual, mas sobretudo enquanto instrumento de poder”⁶. Riegl denomina o conjunto de componentes do patrimônio histórico-cultural de monumentos intencionais, porque estes são construídos, mantidos e/ ou valorizados por alguma razão, seja esta em prol da sociedade como um todo ou relativa apenas a um grupo da mesma.

Uma boa maneira de se entender a atual identificação do patrimônio, e seus elementos constituintes, os monumentos, é estudá-los através das mudanças de significação destes últimos. Choay mostra que, ao passar o tempo, o conceito de monumento foi transformando-se de “memória viva” para, entre outros, algo de valor arqueológico; de valor estético e de prestígio, até chegar-se às significações atuais do termo, que conotam proeza técnica e visão colossal. Essas mudanças de significado não só nos permitem efetuar uma boa análise do panorama atual acerca de patrimônio como também evidenciam, de maneira sucinta, a visão e evolução da discussão do patrimônio ao longo da História. Afinal, se antes o monumento pertencia à comunidade, se encontrava no meio de sua própria história em construção - tanto que se tratava de uma memória “viva”, presente no dia-a-dia da sociedade - atualmente tal significado mudou drasticamente, passando a priorizar mais características técnicas do que sua relação com a sociedade que o cerca⁷. Será que essa diferenciação na cronologia da significação de monumento implica em perda de apego das sociedades a seu passado?

A nosso ver, esse apego persiste, mas o que mudou foi o crescente distanciamento da sociedade para com sua memória e, conseqüente, o distanciamento entre os indivíduos e os monumentos. Choay⁸ defende que esta perda memorial do monumento ocorreu devido ao aumento da importância do conceito de arte a partir do Renascimento (já que antes sua função era meramente religiosa) e a emergência de técnicas de memória artificial, como a História, a imprensa, a literatura e outras formas de registro dessa memória.

⁴ LE GOFF, 1994, p. 548.

⁵ Monumento, neste artigo, significa mais que apenas uma edificação tombada pelos órgãos de preservação patrimonial: engloba também várias formas de registro da memória na sociedade, como documentos, festas e mitos, entre outros.

⁶ LE GOFF, 1994, p. 548.

⁷ Contudo, órgãos referentes ao cuidado do patrimônio ainda se referem aos monumentos por sua significação inicial, mesmo que seja pelo menos para explicar o tombamento de algum bem.

⁸ CHOAY, 2001, p. 20-21.

A escrita, tal como analisado por Le Goff, proporcionou uma reviravolta na memória, com a celebração de fatos através de um monumento tornando-se obsoleta e a memória passando a ser apenas uma ciência auxiliar à História. Enquanto sociedades ágrafas desenvolviam, de maneira extraordinária, técnicas mnemônicas para manter sua memória, a escrita permitiu que tal empenho fosse compilado em documentos e, com a conseqüente falta de esforço, a memória foi deixada de lado, posto que já estava “salva” da morte cultural. O problema é que hoje se constata que essa mesma morte ocorre depois, no meio social.

Outros pontos fundamentais para a perda da importância de técnicas mnemônicas, dentre elas o monumento, foram a imprensa e a produção científica, entre outros, que permitiram um maior “armazenamento” da memória, com o desaparecimento gradual dos esforços orais de rememoração. Percebe-se que conforme a época, novos meios que podem valorizar a memória coletiva são descobertos, mas eles a afastam do indivíduo. Esses meios de facilitação da memória a externalizam de maneira tal que o indivíduo se esforça cada vez menos para mantê-la e, assim, a aparta mais de seu cotidiano.

Com a emergência da discussão sobre o patrimônio imaterial, voltou-se a pensar o patrimônio em maior consonância com a comunidade e seus valores mais vivos. Discussão esta até indispensável quando se pensa em intangibilidade. Contudo, José Reginaldo Gonçalves mostra que, assim como o patrimônio imaterial se encontra no meio da sociedade e de sua memória, assim também se encontra o patrimônio material, já que os objetos seriam representações materiais da cultura de um povo. Para tanto, ele afirma que “o patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir”⁹. Ou seja, o patrimônio é um conjunto de monumentos tangíveis - ou não - que representa uma sociedade e sua cultura, servindo para, entre outros, reproduzi-la. E, uma vez que eles são o signo representativo da sociedade à qual pertencem, são todos imateriais, porque o que passa a valer é o apego e a própria representação que os indivíduos fazem a respeito deles.

De acordo com Regina Célia Gonçalves, a memória possui dois significados, o primeiro é o processo mental, e o segundo “a cultura material das sociedades através do tempo”¹⁰. A segunda definição de memória revela o seu lado mais concreto e é, de acordo com a autora, o eixo central deste *boom* contemporâneo de valorização da memória, pois é com ela que emerge a “... preocupação em conservar e restaurar aquilo que corre o risco ou já foi desgastado e de resgatar aquilo que já foi esquecido ou perdido”¹¹.

Resgatar o que está perdido, além de não possuir fundamento, também interfere em todo um contexto cultural da sociedade, que não mais se relaciona com tal monumento. Isso

⁹ GONÇALVES, 2003, p. 27.

¹⁰ GONÇALVES, 1998/ 1999, p. 15.

¹¹ GONÇALVES, 1998/ 1999, p. 16.

pode provocar até um desligamento da população com seu local de origem, já que não se reconhecerá em seus monumentos de valor - que representarão na maioria das vezes memórias do poder. E é neste contexto que os ideais sobre monumento mostrado anteriormente são frisados, quando nações ansiosas por autopromoção buscam o que há de mais expressivo em sua paisagem e não o que está em conexão com a cultura e memória local.

Segundo Pollak¹², a memória é construída através da seletividade e da negociação. Devido a isto, o mesmo defende a importância da análise dos fatos sociais em sua formação, de maneira que se conheça sua motivação, construção e consolidação, ou seja, se contextualize o panorama da memória numa determinada sociedade. Contudo, ao analisar o panorama atual, dificilmente se percebe um “acordo” entre o que é tombado pelo poder público e o que é valorizado pela população, principalmente aquela de menor poder aquisitivo.

No meio deste *boom* atual de resgate do patrimônio histórico-cultural aparece principalmente, também, a preocupação com a reutilização de imóveis históricos. Já que muitas vezes sua função original não mais existe ou mesmo tornou-se inviável. E, nesse contexto, o turismo cultural aparece como uma ótima saída econômica e funcional para esse problema. Economicamente ele, de fato, vem obtendo sucesso, mas, em termos sociais, geralmente o que se verifica é justamente o contrário. Afinal, utilizando a denominação proposta por Ouriques, o turismo trabalha a “mercadoria-paisagem” e, como a própria denominação condena, a superficialidade pode ser a característica principal de tal atividade, uma vez que é vista prioritariamente como atividade econômica e não social. A adequação de significativa parte da cultura de um povo - quer seja ela ainda uma cultura viva ou esteja morta - deve, ao menos, passar por uma pesquisa inicial e por um processo de planejamento, a fim de inserir essa nova atividade com o mínimo de impactos para a comunidade receptora, mas isso não é prioridade na maioria das tipologias de turismo. Ouriques confirma tal situação, mostrando que:

No turismo, o fetichismo da mercadoria é potencializado. (...) Os bens culturais modificam-se e metamorfoseiam-se em mercadorias “turísticas” pelo simples fato de serem prédios antigos, castelos, praças, fortes e presídios. Não é por possuírem essa forma que são apropriados pelo turismo. São apropriados pelo turismo porque foi construída, socialmente, a idéia de que esses são objetos passíveis de ser consumidos turisticamente por meio de visitas rápidas e filmados ou fotografados para ser mostrados.¹³

O que se prioriza no turismo praticado nos monumentos não é, assim, o ócio, mas o consumo da mercadoria que intitula de *cultura local*, ou melhor, o espetáculo e o pastiche da

¹² POLLAK, 1989, p. 3-15.

¹³ OURIQUES, 2005, p. 60-61.

cultura local. Desta maneira, percebemos que o turismo cultural proposto como a “salvação” de várias nações pode na realidade tornar-se a decadência de várias culturas riquíssimas pela sua apropriação exclusivamente econômica.

Afinal, a disposição superficial da cultura através de sua adequação ao tempo do turista pode ser fatal. Exemplos disto são os vários grupos populares que se apresentam para turistas na cidade de João Pessoa - PB¹⁴ por quinze a trinta minutos, quando tais manifestações culturais podem durar por vezes toda uma noite, além de que, por serem manifestações coletivas, foram em sua maioria compostas para serem dançadas em conjunto, e não para serem observadas. Isso afeta tais grupos, principalmente em sua auto-estima, que permanece abalada. Mas geralmente seus integrantes aceitam tal situação porque ela é, quase sempre, a única maneira pela qual podem continuar com suas “brincadeiras”.

A consolidação do turismo cultural a partir da década de 80 foi, segundo Lefebvre, ocasionado devido ao aumento dos bens de consumo culturais nas residências, como a televisão a cabo, Internet, entre outros; o que permitiu uma ampliação da oferta por outros bens com a ampliação do que ele chama de “galáxia do lazer”, ou seja, a imensa gama de atividades e experiências que o turismo pode proporcionar. Para o historiador francês,

A ampliação constante do campo da política cultural, até mesmo com abertura para outras dimensões (...), faz do turismo cultural uma realidade complexa e multiforme: tanto no que concerne às práticas dos públicos envolvidos, como pela efetivação de uma oferta necessariamente diferenciada¹⁵.

Assim, percebe-se o cuidado que se deve ter com a cultura local num todo e sua exposição para o visitante.

A apropriação do patrimônio histórico-cultural encontra-se inserida num contexto bem mais amplo, o da indústria cultural. Esta indústria, mesmo que o nome engane, se refere, de acordo com Adorno e Horkheimer¹⁶, à padronização para que o público não se esforce muito por compreender, não ocasionando, assim, a sua formação intelectual, mas apenas visando à evasão:

... a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. (...) Os decorativos prédios administrativos e os centros de exposição industriais mal de distinguem dos países autoritários e nos demais países. Os edifícios monumentais e luminosos que se elevam por toda parte são os sinais para o qual já se precipitava a livre iniciativa dos empresários, cujos monumentos são os sombrios prédios residenciais e comerciais nossas desoladas cidades. Os prédios mais antigos em todos dos centros urbanos feitos de concreto já parecem *slums* e os novos *bungalows* na periferia da cidade já proclamam,

¹⁴ Vários destes grupos são provenientes de Cabedelo, como grupos de coco de roda e nau catarineta.

¹⁵ LEFEBVRE, 1994, *apud* AZEVEDO, 2002, p. 162.

¹⁶ Ver ADORNO & HORKHEIMER, 1985.

como as frágeis construções das feiras internacionais, o louvor do progresso técnico e convidam a descartá-los como latas de conserva após breve período de uso¹⁷.

O lucro é o objetivo final, e para isto toda uma indústria se encontra em ascensão apenas com a função de entreter, contudo, entreter *sem educar*, sem uma formação mais ampla. Porque, assim, a indústria cultural não só movimenta uma enorme quantidade de divisas, como também limita o espectador, restringindo cada vez mais aqueles que não são esclarecidos a seus papéis de operários numa colméia de dominação.

A América Latina possui uma cultura muito forte e passível de ser, sustentavelmente, utilizada pelo turismo. Como defende Molina, o período atual de turismo, denominado pós-turismo, exige um alto nível de qualificação da atividade, além de que não prescrever mais a divisão tão conhecida na atividade turística: alta e baixa temporada, já que se percebe investimentos na construção de vários complexos de lazer em que diversos cenários são copiados em ambientes fechados - que dispensam, entre outros, mudanças climáticas. E, com este movimento teatralizado da atividade turística, Molina ressalta que a América Latina pode ganhar com isto em seu movimento contrário, na busca pela originalidade aliado a um planejamento voltado para a comunidade, e não para o mercado externo¹⁸.

Através dos monumentos tangíveis e intangíveis presentes no Brasil e na América Latina, um grande negócio pode ser alcançado, mas através de um planejamento eficaz que conte principalmente com a participação da comunidade local e com a valorização de sua memória, não só no que se refere aos próprios indivíduos como também ao seu patrimônio. A busca da originalidade permite que isto ocorra porque envolve a qualidade da atividade turística, que envolve, em contrapartida, alto nível de lucratividade e menores impactos a localidade.

Azevedo¹⁹ enumera algumas tendências referentes à valorização do patrimônio, são elas: a inversão dos fluxos migratórios para o sentido centro-periferia, ou seja, um movimento de interiorização, um exemplo disto no Brasil é o Programa Nacional de Municipalização do Turismo; a ampliação da noção de patrimônio e o empenho de proporcionar uma maior visibilidade para comunidades tradicionais; e o reconhecimento acadêmico da história oral como método de pesquisa, que permite passar maiores informações sobre os estilos de vida da comunidade pesquisada. Portanto, há tendências benéficas advindas da apropriação do patrimônio, mas ainda são pouco difundidos. O importante é saber priorizá-las e utilizá-las em favor da comunidade local, principal expositora de sua cultura para o turista.

¹⁷ ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 113.

¹⁸ Ver MOLINA, 2003.

¹⁹ AZEVEDO, 2002, p. 137.

Ruínas da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre: monumento ou atrativo turístico?

É acompanhando este contexto de utilização turística de monumentos que a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre, localizada na Praia do Poço, na cidade de Cabedelo - PB, encontra-se em fase de restauração, para seu novo uso posterior, o de atrativo turístico. Mas é necessário, antes da sua apropriação econômica, descobrir qual a posição de tal bem perante os grupos direta ou indiretamente ligados ao monumento. Além de estabelecer bases teóricas acerca de seu planejamento, para que o mesmo seja executado de maneira sustentável não só para o imóvel, como também para a comunidade.

O projeto de pesquisa “Aldeamento, Igreja, Ruína: uma arqueologia histórica de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre (1589-2004)”, através do subprojeto “Patrimônio Histórico e Políticas de Preservação Patrimonial na Paraíba: o caso das Ruínas do Almagre (1938 - 2004)” tem, como um de seus objetivos, verificar as relações da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre para com, principalmente, sua comunidade correspondente, e assim poder lançar bases para sugestões sobre sua reinserção no cotidiano dos indivíduos que habitam seu entorno. Uma vez que o Almagre é um monumento vivo para sua comunidade e a sua atual restauração indica futura utilização turística, por diversos fatores, afinal, além da intenção demonstrada por diversos órgãos relacionados ao imóvel, o Almagre já é exposto inclusive em revistas e *folders* de turismo de Cabedelo.

Conhecida como igreja velha, igreja dos holandeses, ou somente como Almagre, a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre destaca-se por ser um monumento barroco localizado à beira-mar da praia do Poço, Cabedelo, Paraíba, que funcionou como um centro conversor de indígenas no período colonial e, possivelmente, também como centro de defesa militar. Como explica Oliveira:

A posição privilegiada de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre, numa praia da qual se podia perceber qualquer aproximação marítima a partir do litoral sul e, mais ainda, resguardada de um eventual desembarque inimigo em suas proximidades, por ser protegida pelos arrecifes avermelhados que acompanham a linha costeira, só reforça o entendimento de que havia uma ligação intrínseca entre a “máquina” de conquista lusitana e o poderio eclesiástico²⁰.

Com o fim do aldeamento, em 1762, o Almagre tornou-se apenas uma propriedade particular, dentro de uma gleba de terras à beira-mar. O uso religioso, ao que tudo indica, se reduziu a poucas missas esparsas.

Mesmo com tão grande importância nos tempos coloniais o prédio encontra-se, atualmente, em estágio de ruínas, decorrente de vários fatores, entre os quais poderia citar a falta de um

²⁰ OLIVEIRA, 2002, p. 50.

procedimento mais participativo e efetivo dos órgãos de preservação patrimonial e do processo de tombamento das ruínas, que evidenciou certo desapego da população com o imóvel; especulação imobiliária; e, entre outros, o próprio efeito do tempo. Muitas vezes esquecido, o tempo é um dos maiores efeitos negativos para o Almagre, que tem como material constituinte a pedra calcária, mas não conta com nenhum tipo de cobertura contra chuvas e, além disso sofre com os efeitos da maresia e da autopista que passa ao lado de seu terreno, que ainda hoje serve de pasto a algumas vacas de criadores locais e é considerado, por um dos proprietários de umas das moradias próximas, como seu quintal particular.

Entretanto, um processo técnico de restauração foi proposto para o Almagre pelo IPHAN²¹ e está sendo implementado gradativamente desde 1999²², e o monumento também desperta a atenção por existir uma associação de moradores que se constituiu unicamente para reivindicar a preservação das ruínas e seu restauro. Assim, a Associação dos Amigos do Almagre demonstra como o monumento é, ainda, um local de forte representatividade no imaginário da comunidade, já que muitas pessoas há cerca de 40 e/ ou 30 anos atrás iam reunir-se com outros jovens nas Ruínas, para divertir-se, brincar ou simplesmente, colher arazás. Mais recentemente, houve inclusive a realização de missas ao ar livre no terreno próximo às Ruínas, celebradas pelo Pe. Glênio²³.

Desta restauração se pressupõe a reinserção do monumento na comunidade como um espaço funcional e de “pertença”, mas como mais um atrativo turístico local. Por isso, torna-se necessário um planejamento responsável que não apenas preocupe-se em conservar os contornos restaurados da ruína, como também um meio de unir o patrimônio edificado à comunidade mais uma vez, além de oferecer um turismo de qualidade e informativo para visitantes, que serão direcionados a impactar o mínimo possível o ambiente.

O turismo realizado atualmente no local é o denominado de “Sol e Mar”, de massa: a Praia do Poço é muito visitada por turistas de vários locais, que freqüentemente também veraneiam na praia²⁴. Esse tipo de turismo é sazonal e não fornece tantos benefícios para a comunidade, que recebe os resultados econômicos do turismo quase que somente através de bares, restaurantes e outras atividades, como passeios de lancha e aluguel de equipamentos náuticos.

O turismo cultural, neste contexto, seria bem mais benéfico para a comunidade, porque colocaria o turista em maior contato com a mesma e ampliaria as possibilidades de geração

²¹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

²² Umbelino de Albuquerque, superintendente da Delegacia do IPHAN na Paraíba, declarou em entrevista que a restauração no Almagre começou em 1999, com a fase de pesquisa. A ação técnica no imóvel começou de fato somente em 2000.

²³ Este religioso foi transferido para a Paróquia do Bairro da Penha, em João Pessoa, tendo sido substituído recentemente por outro padre na Paróquia do Poço, em Cabedelo.

²⁴ A Praia do Poço, onde se localiza o imóvel, é muito visitada turisticamente, principalmente nos períodos de veraneio, quando é comum famílias provenientes de cidades do interior da Paraíba ou de outros Estados instalarem-se em imóveis próprios ou alugados no bairro, para desfrutar da temporada de férias.

de emprego e renda, além de minimizar os impactos de ocupação dos mesmos. Além de que para a preservação do imóvel, ele seria também o mais indicado, já que lançaria as bases de todo um planejamento para a manutenção das ruínas restauradas.

Assim, o projeto de pesquisa em questão buscou fontes em que se poderia unir o patrimônio representado pelo Almagre ao turismo no local, ressaltando questões de ordem administrativa e relativa à memória, já que a união entre tais conceitos também é uma união de diferentes estudos e disciplinas, ou seja, a interdisciplinaridade é uma importante ferramenta neste projeto de pesquisa. Por um lado, temos o estudo da apropriação econômica e, por outro, sua visão socialmente estabelecida e as perspectivas de sua reinserção na comunidade sob um novo uso. A importância de reunir estudos tão diferentes se baseia na própria relevância da reunião de discussões acerca do patrimônio cultural que unam o lado econômico ao social, e não apenas a priorização do - como geralmente ocorre - lado econômico.

A pesquisa de campo no entorno do Almagre: procedimentos metodológicos

A fim de alcançar os objetivos da pesquisa, realizamos entrevistas com a população, visitantes e órgãos públicos, relacionando as ansiedades, posição e desejos de cada ente para com o imóvel em questão, além de buscar a solução para o turismo no Almagre através do planejamento participativo e monitoramento de impactos.

A pesquisa de campo, realizada com a população e visitantes, foi esquematizada de maneira objetiva e em questionário de múltipla escolha. Já em relação aos órgãos públicos, ela se deu através de entrevista gravada ou por via escrita (mensagem eletrônica). Em todos os momentos da pesquisa buscou-se na História Oral o aporte teórico para, assim, extrair o máximo possível de informações e encontrar a essência dos anseios dos entrevistados, já que a pesquisa por si só já pode ser muito influenciada por diversos fatores diretos ou indiretos.

Com a História Oral, se pretende analisar o que um grupo de pessoas pensa de fato sobre algo, e por isso, deixamos de lado o caráter formal da pesquisa para um clima de conversa, de maior descontração, que permite ao entrevistado falar mais abertamente, com menor seleção das palavras. É claro, certas entrevistas não alcançaram tal padrão, que não é fácil de se alcançar por diversos motivos referentes não apenas ao entrevistador como também ao entrevistado. Mas é esse o grande trunfo da história oral, a busca da informação mais aprofundada de uma sociedade e por isso sua grande importância atual.

Como criticado por Halbwachs²⁵ e Hobsbawm²⁶, a história perde muito ao não se interessar pela história do presente, afinal, que fonte maior para o saber histórico do que informações culturais e sociais de uma comunidade? Principalmente quando se fala de patrimônio, em que o intangível vale bem mais do que o material em si...

O resultado da pesquisa implementada com a população local mostrou-se bem mais denso e mais próximo do que a História Oral propõe, porque muitos moradores locais falaram mais do que as perguntas requeridas e por isso pôde-se traçar um perfil bem mais amplo do que se planejava para a comunidade do entorno do Almagre. Alguns veranistas também se mostraram dispostos a falar, mas, como poucos conheciam o Almagre, a pesquisa com eles não foi tão representativa.

Dentre os relatos orais da população do entorno do Almagre destacam-se denúncias, críticas, histórias relativas ao Poço, comentários sobre o turismo e certo ceticismo sobre o futuro das Ruínas.

O número de denúncias acerca das ações do IPHAN foi grande, assim como o interesse em saber mais sobre o projeto que está sendo implementado pelo órgão federal - o que mostra que os moradores locais não foram informados sobre a intervenção de restauração no Almagre, o que é um dado muito crítico para a implementação de uma prática turística sustentável. A ligação dos moradores, principalmente os adultos, com o Almagre foi percebida, principalmente, através de relatos sobre a infância e adolescência no local.

O turismo foi visto como benéfico e não houve oposição ao mesmo, como também não à restauração: muitos moradores até afirmaram que após a restauração o Almagre ficará muito bonito. Contudo, foi percebido um ceticismo quanto à finalização das obras de restauração.

O relato de uma moradora antiga do local foi muito importante para a pesquisa, até porque depois também foi confirmado por outros moradores. De acordo com a residente, sua família se reunia regularmente para limpar a área do Almagre, mas, exaltando-se muito, informou que técnicos do IPHAN chegaram e acabaram com tudo, porque disseram que não era para mais ninguém ir para lá, e no que proibiram todos de entrar, o Almagre arruinou-se ainda mais. Esta intervenção inicial do IPHAN é referente ao tombamento do Almagre, em 1938, e possivelmente a ações fiscalizatórias realizadas nas décadas de 40 e 50. Ainda de acordo com a mesma moradora, várias partes do Almagre foram roubadas - "o que podiam tirar, tiraram", dentre elas a pia batismal. A parte da frente da Igreja, do milagre de Nossa Senhora de Nazaré, segundo a moradora, teria caído cerca de cinco anos atrás²⁷. O fato

²⁵ Ver HALBWACHS, 2004.

²⁶ Ver HOBSBAWM, 1998.

²⁷ Na verdade, a fachada da Igreja, que continha o baixo relevo com a lenda do milagre de Nossa Senhora de Nazaré a D. Fuas Roupinho - ocorrido em Portugal, no ano de 1182 - já estava desmoronada em fins da década de 80 do século passado.

ocorreu durante a madrugada e assustou a todos pelo forte estrondo que acordou a vizinhança²⁸. O Almagre era claramente uma parte do cotidiano desta moradora, que foi espoliado pelo IPHAN: em seus relatos, ela afirma que viu até mesmo o local onde os padres dormiam, revelando o imagético que o Almagre despertava na infância e adolescência de certos moradores mais antigos do local.

A pia batismal foi muito citada nos relatos dos moradores, e de fato foi percebido um encantamento dos residentes para com a beleza do imóvel. E não só como um espaço de interação.

Mesmo com uma boa visão do turismo, ao responder a questão sobre o novo uso do Almagre, a maioria dos residentes optou pela continuidade das funções religiosas, com 43%, o turismo veio em seguida com 36%. A diferença é pouca, contudo, na entrevista com órgãos públicos, o turismo é visto como única saída, além do completo desconhecimento desse desejo da população local. Umbelino Albuquerque, arquiteto do IPHAN, atribui este desejo às ações do Pe. Glênio em relação ao Almagre e sugeriu que se poderia, por exemplo, continuar as missas campais no local, o que seria uma ótima idéia, caso houvesse monitoramento. Uma moradora local, em relação a isto, afirmou que o uso turístico do local seria o melhor porque este aceita qualquer religião e não geraria assim nenhuma desavença e estaria aberta a todos. De acordo com ela, com o monumento sendo utilizado turisticamente, se contaria a história do local.

O que esta moradora informou mostra o outro lado da continuidade das funções religiosas no local, e de fato alguns moradores protestantes, quando questionados sobre ao Almagre, externaram o fato dele ser representativo para outra religião. O turismo, realmente, não traria conflitos neste tópico e até porque ele foi muito bem visto pela comunidade, que também considerou o Almagre muito importante para o turismo no Estado. E, caso discutido e planejado, missas campais são uma boa saída para o atendimento dos desejos da comunidade.

Os órgãos públicos entrevistados foram: o IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba); o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); a PBTUR (Empresa Paraibana de Turismo); a Secretarias de Cultura do estado da Paraíba; e as Secretarias de Educação e Cultura, de Turismo e de Planejamento do Município de Cabedelo.

Essas instituições mostraram-se favoráveis à atividade turística no Almagre, com exceção da PBTUR e da Secretaria de Educação e Cultura de Cabedelo. A primeira porque não se

²⁸ Isso foi confirmado por outra moradora, que se referiu ao evento como se parecesse um “terremoto”, de tão forte ter sido o estrondo. O barulho escutado pelos vizinhos do monumento há cerca de cinco anos, no entanto, não foi o do desmoronamento da fachada, mas sim de parte de uma das paredes laterais da nave - a do lado nascente - que ainda se mantinha de pé.

interessou em responder à pesquisa e a segunda porque afirmou que não possuía informações sobre as ações implementadas no local.

As ações para preservação do Almagre são de fato recentes, tendo ocorrido desde meados da década de 1990. A criação da Associação dos Amigos do Almagre foi um ponto chave na história desse processo, porque, segundo Antonio Smith, atual presidente da Associação, foi através dela que se denunciou o mau uso que se havia atribuído ao Almagre, como depósito de lixo e “metralha”²⁹. Uma limpeza foi implementada pela Associação em conjunto com a prefeitura de Cabedelo e, após estas ações, o IPHAN surgiu na cena com o projeto de restauração. No campo acadêmico e editorial, foram publicados alguns livros e artigos sobre o Almagre, ou com trechos sobre o mesmo, como: “Igreja de Nazaré do da Praia do Almagre”, de Altimar Pimentel; “Retalhos da Vida”, de Haroldo Borges; “Em torno do uso turístico do patrimônio histórico: o caso da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre (Cabedelo – PB)”, de Carla Mary S. Oliveira; entre outros. Além disso, imagens do Almagre passaram a circular em *folders* turísticos de Cabedelo.

A associação dos Amigos do Convento do Almagre foi criada em 1998, como uma reação da população local à ameaça de destruição do monumento. Assim, a Associação tem como objetivos proteger o imóvel e buscar informações sobre o mesmo, como afirma o atual presidente da Associação em entrevista ao projeto de pesquisa. Sobre a participação da comunidade local com um todo, Smith comenta que:

...o envolvimento da comunidade aqui é parcial. Não é um envolvimento profundo não, é parcial. Pelo mesmo por enquanto, porque na realidade aquilo ali tava com um monte de mato e com pedra solta e só tinha pra segurar isso a história não é. Agora não. Ela tá aparecendo, tá limpa. Então a comunidade tá começando a aparecer também.

Então, já se percebe uma maior “curiosidade” da comunidade local pelas ações do IPHAN, mas não há registro de audiências públicas ou algum outro instrumento que tenha informado à população em geral sobre a restauração.

O ser humano é altamente imprevisível e o crescimento demográfico considerável num local pode acarretar diversas modificações no ambiente, sejam elas de natureza física, social, psicológica ou econômica. O incremento populacional produz alterações no ambiente tão somente a partir de sua existência, daí a necessidade de um planejamento que ressalte o monitoramento, para controle da permanência de visitantes no monumento, como também quanto a ações e relações com residentes do seu entorno.

²⁹ Houve outros tipos de maltrato ao Almagre, como a construção de um edifício de um andar ao lado do mesmo. Sobre isto Antonio Smith comenta que a Associação foi criada quando o mesmo já estava em fase final de obras e, portanto, não teve condições para evitar a construção.

A comunidade local e o turismo cultural sustentável

Em atenção aos meios com que o patrimônio histórico-cultural seja preservado, tenta-se formular um planejamento que aborde principalmente o monitoramento de impactos decorrentes da atividade turística nos aspectos ambientais, sociais, econômicos e culturais, além da interpretação patrimonial, que qualifica a experiência turística. Ou seja, o turismo age sobre os visitantes e residentes buscando a qualidade máxima nos dois pontos, e não apenas no que se refere aos turistas, o que é mais comum. Com a essencial participação da comunidade local, já que será o ente mais envolvido pela atividade turística.

Sobre a comunidade local no turismo, Ouriques comenta:

Em várias partes do planeta, comunidades inteiras vêm buscando efetuar o “resgate histórico do passado”, de forma a inseri-lo no rol de atrações turísticas. Aliás, fazendo dos hábitos (artificialmente mantidos) e costumes do passado (que há muito deixaram de existir) formas de identidade local. (grifo do autor)³⁰.

De fato a inserção da comunidade local de maneira sustentável é um tópico que merece ainda muita discussão nos meios acadêmico e administrativo público e/ ou privado envolvidos no turismo, uma vez que ela é o principal alvo dos impactos sofridos pela atividade turística, mesmo aquela implementada de maneira qualificada. A introdução de um novo elemento no ambiente, no caso o ser humano, é muito impactante para o residente e tem-se que analisar os meios destes impactos serem neutralizados ou, então, de tornarem-se majoritariamente positivos.

A má apropriação da cultura local pelo turismo é algo altamente perceptível no país, basta visitar algumas cidades do litoral nordestino para comprovar a padronização da cultura exposta ao turista. Dificilmente se vê casos como na Prainha de Canto Verde, Beberibe, Ceará, em que a atividade turística é controlada e administrada pelos residentes de uma comunidade de pescadores, que vêem no turismo uma fonte de renda, mas também algo que deve ser gerenciado de perto, porque senão podem ser alijados do processo. Por exemplo, esta mesma comunidade já sofreu várias brigas com grileiros, mas compreendeu que o melhor se unir e lutar por suas terras, promovendo o turismo e outras atividades por meios próprios. A experiência turística no caso desta comunidade é ampliada, porque há a possibilidade de conhecer de fato o *modus vivendi* dos moradores e a realidade social do local tornando-se altamente qualificado sem a necessidade de utilização de recursos adventícios ao local. O que está correto porque o processo mais comum de transformação no espaço de localidades tidas como turísticas é a segregação espacial dos residentes, que

³⁰ OURIQUES, 2005, p. 60.

se movem para a periferia e beneficiam-se muito pouco da atividade turística, tendo acesso principalmente – e apenas – a empregos de baixa qualificação³¹.

Mas nem todas as localidades possuem seu turismo gerido pelos próprios moradores, entretanto, os administradores que estiverem à frente têm que compreender e valorizar a comunidade correspondente ao local, porque ela é não só o ente que mais sofre diretamente com o turismo, mas também é aquela que, no caso do turismo cultural, irá promover a localidade, já que será o principal contato com o visitante. O planejamento voltado para as ansiedades da comunidade permite seu desenvolvimento sustentável e a contenção de impactos através de todo um sistema de monitoramento.

O ecoturismo há muito trabalha com o planejamento voltado para o bem estar da comunidade e preservação dos recursos, e é por isso que a teoria advinda deste tipo de turismo é a base mais promissora para a adequação de metodologias para a preservação do patrimônio histórico e, mais especificamente, para a preservação da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre - Cabedelo, PB.

Do ecoturismo, percebem-se metodologias que, ao longo dos anos, tornam-se cada vez mais complexas e abordam elementos importantes para preservação dos atrativos turísticos, como a educação ambiental (no caso do turismo cultural essa seria de ordem patrimonial), zoneamento, estudos de impactos e monitoramento.

O turismo mais qualitativo, de maior contato com a comunidade e preservação para o patrimônio destaca-se pelos mesmos motivos que o ecoturismo: a busca da originalidade, e é através desde que emerge um turismo responsável, como assim intitulado pela WWF³².

O ecoturismo, de acordo com a Embratur é:

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. (grifo nosso)³³.

De acordo com Salvati³⁴, o ecoturismo gira em torno de três conceitos básicos: a sustentabilidade, a educação do visitante e os benefícios provenientes às comunidades locais. Mas, atentando-se a esses elementos, percebe-se que eles são importantes para qualquer tipo de turismo e não apenas aquele voltado para os ambientes naturais. Um turismo cultural de qualidade, voltado para o aprendizado, tem que cumprir tais requisitos não só para ganhar mercado, como também para manter a atividade sem prejudicar sua matéria-prima: o patrimônio histórico-cultural, que não é nada mais que um reflexo da

³¹ Um exemplo desta segregação espacial é a localidade de Porto de Galinhas, em Ipojuca, Pernambuco, que expulsou a população constituída por pescadores para áreas limítrofes da cidade.

³² World Wildlife Fund.

³³ EMBRATUR, 1994, apud WWF, 2003, p. 12.

³⁴ SALVATI, 2002, apud WWF, 2003, p. 13.

cultura e da memória de uma determinada comunidade. Por isso mesmo, uma das melhores e mais eficazes maneiras de se trabalhar o “controle” da movimentação turística para a preservação dos atrativos naturais e histórico-culturais é o planejamento participativo e constante.

Como o meio ambiente não engloba apenas aquilo referente ao que é “da natureza”, podemos utilizar esses conceitos para estudar os impactos culturais do turismo de maneira clara e pró-ativa. Ao realizar uma breve história das mobilizações mundiais sobre a consciência ecológica, Camareo³⁵ mostra que a visualização do social em conjunto com os impactos ambientais é algo recente e uma grande descoberta no que se refere à preservação ambiental. Afinal, a famosa frase de Indira Gandhi: “o pior tipo de poluição é a miséria” tem efeito ao explicar as relações sociais do homem com a natureza. Assim, desde meados dos anos 70 até os dias atuais - com maior força nos anos 90 - o homem passou a ser visto de fato como o ponto central da preservação ambiental, até porque ele é a fonte última dos impactos ao meio ambiente.

O meio ambiente não se remete ao espaço natural em si, mas abarca todos os elementos envolvidos porque se refere a um espaço de interações e inter-relações, portanto o meio ambiente seria o que o planejamento envolve. Seria o espaço como um todo, unindo elementos sociais, naturais, culturais, entre outros. Essa concepção de planejamento é ampla e complexa, mas serve para entender o ambiente como um todo e assim fornecer estratégias mais condizentes com a realidade local.

É justamente esse tipo de abordagem que deve ser destinada para o Almagre, local que une, desde o período colonial, o elemento natural da praia com o cultural do templo religioso. É essa característica que destaca o Almagre frente a vários outros prédios coloniais religiosos na área do litoral paraibano e merece ser explorada turisticamente. A paisagem que une o natural, com a praia, e o colonial, com o monumento, não deve ser separada, até porque é um importante aspecto do Almagre. O que se chama de Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre não deve ser considerado apenas o como um imóvel, mas devem ser levadas em consideração também as interações sociais antes existentes entre o prédio e a praia, altamente importante para se entender o antigo aldeamento indígena que deu origem à localidade.

Raglan Gondin, representante do IPHAEP, em entrevista ao projeto de pesquisa afirmou:

...você pensar em Almagre sem a sua paisagem, sem o seu elo de ligação com a praia é como se você cortasse o próprio conceito de instalação da igreja naquela época que era o contato com o mar, porque na verdade Almagre, ele apoiou alguns problemas que aconteceram na Fortaleza de Santa Catarina cujo ponto de apoio era o Almagre e era pelo mar.

³⁵ Ver CAMAREO, 2003.

Desse modo, comprova-se a importância da ligação entre aspectos aparentemente antagônicos - o cultural e o natural - mas na verdade complementares. O arquiteto denuncia que esse elo foi cortado, e de fato não há atualmente contato do Almagre com o mar. Contudo, ele pode ser reestabelecido através de desapropriação das residências à beira-mar do local. No entanto, há um sério problema em relação a esse ponto, como o mesmo Raglan nos indica, pois o monumento, após a restauração, estará estagnado e por isso mesmo merecerá um monitoramento constante. Mas o aspecto que vai necessitar de maiores esforços é justamente a manutenção da paisagem de união da praia com as ruínas, porque “o Almagre está na beira da praia, está numa área, digamos assim, de exploração comercial em termos de especulação imobiliária muito grande”.

Concluindo: planejando o uso turístico de monumentos histórico-culturais

O planejamento para o uso turístico de monumentos históricos deve contar com ações e estratégias que visem a sustentabilidade, mas não apenas com “medidas sustentáveis” que servem mais como demagogia de discursos de gestores que preferem mascarar o turismo implementado como benéfico, quando muitas vezes ele não o é na verdade. A Agenda 21³⁶ para a Indústria de Viagens e Turismo coloca que projetar a sustentabilidade é “assegurar que as novas tecnologias e produtos sejam projetados para minimizar a poluição, ser mais eficientes, apropriados cultural e socialmente e disponível mundialmente”³⁷. Outras resoluções importantes desta agenda são: a importância de analisar os múltiplos interesses do uso da terra; a redução do desperdício e envolvimento das comunidades locais.

O planejamento turístico tem como finalidade a ordenação das ações humanas sobre uma localidade turística, estabelecendo decisões acerca da construção de equipamentos e facilidades de forma a reduzir ao máximo os resultados negativos para a localidade. É a peça chave para a seleção das prioridades para o desenvolvimento e evolução da localidade.

Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Sheperd³⁸ dividem o planejamento em sete etapas diferenciadas, são elas: reconhecimento; estabelecimento de objetivos ou metas para a estratégia; pesquisa de dados; análises; política e reformulação de planos; recomendações; implementação; e monitoramento.

A etapa de reconhecimento refere-se à “aceitação” da atividade turística por órgãos governamentais, comunidade e empresariado local. Uma vez reconhecida a vontade de desenvolvimento através do turismo, parte-se para a fase de “estabelecimento de objetivos

³⁶ A Agenda 21 está inserida num contexto mundial de atenção aos impactos ambientais. Foi primeiramente pensada na “Eco-Rio”, em 1992.

³⁷ Agenda 21 for the Travel and Tourism Industry, 1995, *apud* WWF, 2001, p. 13.

³⁸ Ver COOPER *et al.*, 2001.

ou metas para a estratégia”, que, como o nome diz, refere-se à determinação dos objetivos e metas para o planejamento local. Em seguida, temos a fase de pesquisa de dados existentes, nos quais se buscara em várias organizações dados já existentes e importantes para o planejamento. Posteriormente, terá a “implementação de novas pesquisas”, que abordará os dados não encontrados anteriormente. É interessante, de acordo com os mesmos autores, que essa fase seja de longo prazo, uma vez que ela também fornecerá subsídios para o monitoramento e gerenciamento³⁹.

Em seguida, temos a etapa da análise, que se subdivide em: análise do potencial turístico, em que serão avaliados os recursos do local; a análise de mercado, que irá verificar as tendências do mercado e da atividade turística, além de uma análise SWOT⁴⁰; o planejamento de desenvolvimento, referente à organização das fases de desenvolvimento do plano; e, por fim; as análises de impacto, que consiste numa medição prévia dos possíveis impactos decorrentes do desenvolvimento do turismo no local. A fase posterior é a de “política e formulação de planos”, no qual são realizados vários esboços de planos em relação ao que já foi coletado e ao final escolhesse-se o mais completo. Segundo Cooper et Al, a fase das recomendações destaca-se por ser a do dialogo, uma vez que consiste na apresentação do plano às autoridades e a conseqüente discussão do mesmo com elas.

A fase de implementação destaca-se pela própria execução do plano, em que é preciso atentar a tudo o que já foi visto anteriormente. E, por fim, a fase de monitoramento e reformulação, em que se é monitorada a atividade e, caso necessário, tem-se a reformulação de algumas medidas e estratégias do planejamento. Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Sheperd chegam a ressaltar que por mais que seja bom o planejamento, há acontecimentos inesperados, daí a importância do monitoramento⁴¹.

A WWF pensou um modelo de planejamento voltado para o ecoturismo muito semelhante ao de Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Sheperd. Esse modelo divide-se em: análise da situação; objetivos e metas; ações; e avaliação. As etapas são cíclicas, ou seja, estão sempre se realizando seguindo a ordem em que foram implementadas. Unindo essas duas teorias relacionadas ao planejamento turístico, é possível pensar uma estratégia satisfatória de planejamento para o Almagre.

A análise da situação é referente à coleta de dados sobre o local: questões ambientais, informações políticas (quem são os líderes locais, entre outros), aos aspectos legais, econômicos, dentre outros. A pergunta a que esta fase se nortearia seria “*onde estamos?*” No caso do Almagre, também incluiria a relação do monumento com a população. E, acrescentando à primeira fase de Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Sheperd, também

³⁹ COOPER *et al.*, 2001, p. 245.

⁴⁰ Análise SWOT é referente à avaliação dos pontos fortes e fracos do planejamento, além das oportunidades e ameaças à atividade turística.

⁴¹ COOPER *et al.*, 2001, p. 247.

deve-se verificar se o turismo de fato será bem recebido pela comunidade local. Para isso a própria pesquisa já implementada pode ser considerada uma fonte que confirma tal receptividade. Também é importante um acompanhamento constante dos entes envolvidos a partir do início do planejamento, para que os mesmos se sintam abertos a opinar e denunciar ações mal implementadas, por exemplo⁴².

A fase seguinte, objetivos e metas, baseia-se na pergunta “*para onde queremos chegar?*” e corresponde aos objetivos a longo, médio e curto prazo e o enfoque deve ser direcionado para os benefícios para a conservação e desenvolvimento local. Uma ressalva interessante que Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Sheperd fazem é que “um erro comum no planejamento do desenvolvimento turístico é perder de vista as razões pelas quais o turismo foi selecionado como uma opção de desenvolvimento”⁴³. À primeira vista não parece um erro importante, mas os objetivos do planejamento devem ser sempre o tema principal das ações para que não haja distanciamento dele e para que não se torne algo descartável e sem ações prioritárias.

Na etapa denominada “ações”, a pergunta torna-se “como chegaremos lá?”, compreendendo as ações necessárias para se atingir os objetivos. Neste, analisa-se a demanda, o mercado e sua segmentação, possíveis impactos e medidas de redução dos mesmos, potenciais investimentos, entre outros. Esta análise pode ser pesquisada tanto através de dados já existentes no local como também de novas pesquisas, geralmente mais específicas. Essa fase exige um alto nível de multidisciplinaridade, porque indicará o início, de fato, das atividades no local.

Uma importante estratégia a ser considerada em relação ao Almagre é a interpretação patrimonial, que pode aprofundar a experiência turística por mostrar os sentimentos, identidade e várias outras peculiaridades do local, além de contribuir para a redução de impactos do visitante através de uma maior aproximação e um conseqüente controle mais eficaz dos fluxos de visitantes no monumento. A interpretação do patrimônio é “... o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representação que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar”⁴⁴. Assim, a fim de valorizar ainda mais o Almagre, a interpretação das ruínas, envolvendo diversos tipos de informação, como sua história desde o período colonial até a atualidade, além da importância do mesmo para a comunidade e suas representações no imaginário local.

⁴² Muitos planejamentos que envolvem o turismo são “fechados” em si e não utilizam a opinião - principalmente - da comunidade local, e por isso perdem muitas possibilidades, não só no que tange à comunicação, como também em relação à fiscalização e ao monitoramento, já que a população é quem percebe mais claramente as mudanças que ocorrem em seu entorno.

⁴³ COOPER *et al.*, 2001, p. 243.

⁴⁴ MURTA & GOODEY, 2002, p. 13.

A última fase do planejamento, a avaliação, tenta responder à pergunta: “*como saberemos se já chegamos?*”, ela envolve as metas, os produtos, sistemas de monitoramento, entre outros fatores. Em seguida, pode-se voltar para a fase inicial e seguir novamente o processo, de forma cíclica, uma vez que de acordo com o que for coletado no monitoramento, a atividade turística pode até mesmo encontrar-se em risco. Adicionando nessa fase ao que é proposto por Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Sheperd, deve-se também procurar as recomendações através de, entre outros agentes, gestores públicos ou pessoas relacionadas ao tema, como por exemplo pesquisadores do meio acadêmico, que deveriam se interessar por assuntos que concernem à comunidade presente no raio de abrangência da academia. Também é importante, nesse sentido, a reformulação do plano criado, caso necessário. Afinal, se o planejamento é cíclico ele pode recorrer a novas medidas e estratégias às quais os planejadores devem estar atentos e preparados para utilizar.

Alguns pontos a serem ressaltados no planejamento proposto pela WWF para o ecoturismo são: questionar o benefício do turismo no local; garantir no planejamento a participação de setores envolvidos e analisar as expectativas dos envolvidos (principalmente os residentes, turistas e recursos). Outro ponto interessante é que o turismo não deve ser, necessariamente, a única atividade econômica na região, até porque trata-se de atividade muito imprevisível, e qualquer alteração na demanda afetaria a todos⁴⁵.

Portanto, um planejamento que ressalte a comunidade local e a valorização do monumento em sua paisagem é importantíssimo para o Almagre, por ser um instrumento que permite sua reinserção no seio da comunidade a que ele pertence e sem a qual não seria nada além de simples pedra calcária. Além disso, o planejamento proporciona tanto a minimização de impactos como uma melhor implementação do turismo no local: basta que seja administrado com eficiência, qualidade e participação de todos os entes envolvidos, quer seja a comunidade, o terceiro setor, o setor público, o setor privado ou todos aqueles que vêm no Almagre um importante monumento para Cabedelo e para sua História.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

AZEVEDO, Julia. *Cultura, Patrimônio e Turismo*. In: AZEVEDO, Julia; IRVING, Martha. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo, SP: Futura, 2002.

AZEVEDO, Julia. *Turismo Cultural: traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno*. In: AZEVEDO, Julia; IRVING, Martha. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo, SP: Futura, 2002.

BARRETTO, Margarita. *Turismo e legado cultural: as possibilidades de planejamento*. Campinas: Papirus, 2000. (Coleção Turismo).

⁴⁵ WWF, 2003. pág 34.

- CAMAREO, Ana Luíza de Brasil. *Desenvolvimento sustentável: dimensões e desafios*. Campinas: Papyrus, 2003 (Coleção Papyrus Educação).
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2001.
- COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David & SHEPERD, Rebecca. *Turismo: princípios e prática*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Memória e reflexividade na cultura ocidental. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Minc - IPHAN, 2005.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. *Sæculum - Revista de História*, João Pessoa, Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 4/ 5, jan.-dez. 1998/ 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Michael. *Planejamento turístico*. São Paulo: Contexto, 2001.
- HOBSBAWN, Eric. *Sobre história*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1994.
- LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Turismo e território: sustentabilidade para quem? In: BARRETO, Margarita; TAMANINI, Elizabete (orgs.). *Redescobrimos a ecologia no turismo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- MENDONÇA, Rita. Turismo e meio ambiente: uma falsa oposição? In: LEMOS, Amália Inês G. (org.). *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MENESES, José Newton. *História & turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MOLINA, Sergio. *Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina*. Bauru: EDUSC, 2001.
- _____. *O pós-turismo*. Tradução de Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003.
- MURTA, Stela Maris & GOODEY, Brian. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG; Território Brasília, 2002.
- OLIVEIRA, Carla Mary S. Em torno do uso turístico do patrimônio histórico: o caso da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre (Cabedelo - PB). *Veredas - Revista Científica de Turismo*, Cabedelo - PB, LABTUR-IESP, ano I, n. 1, jul./ 2002, p. 47-58.
- OURIQUES, Helton Ricardo. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Campinas: Alínea, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PONTES, A. M. L. ; DIAS, A. ; NOBREGA, L. & PINHEIRO, L. L. O pensamento desenvolvimentista da população brasileira relacionado com as ações do Estado. In: Encontro Nacional de Turismo com Base Local: Turismo, Inclusão Social e Sustentabilidade. *Anais*. Recife: UFPE, 2005.
- RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo & PINSKY, Jaime (orgs.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo, SP: Contexto, 2003.
- RUSCHMANN, Doris & WIDMER, Glória Maria. Planejamento turístico. In: ANSARAH, Marília (org.). *Turismo: como aprender como ensinar*. Vol. 2. São Paulo, SP: Senac, 2001.
- SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TURISMO DESCALÇO – Ecoturismo Comunitário. Prainha do Canto Verde (Folder). Website Institucional. Disponível em: http://www.fortalnet.com.br/~fishnet/folder_pcv.htm. Acesso em 20.junho. 2006.
- WWF (World Wildlife Fund.). *Certificação em Turismo: lições mundiais e recomendações para o Brasil*. Brasília, DF: WWF Brasil, 2001. Série Técnica.
- WWF (World Wildlife Fund.). *Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um turismo sustentável*. Brasília, DF: WWF Brasil, 2003.